

# Possibilidades para o uso pedagógico do vídeo no ciclo de alfabetização

Marinalva da Silva Ferreira<sup>1</sup>

Márcia Jussara Hepp Rehfeldt<sup>2</sup>

Jacqueline Silva da Silva<sup>3</sup>

## Resumo

O presente artigo aborda a temática do uso das tecnologias digitais para a aquisição da leitura e da escrita, e nesse contexto, tem como objetivo analisar o desenvolvimento de situações de aprendizagem, mediadas por Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, desenvolvidas por uma professora do Ciclo de Alfabetização, percebendo quais as implicações do uso do vídeo em sala de aula. Para a realização desta pesquisa, buscamos uma aproximação com os princípios da pesquisa-ação, propostos por Barbier (2007) e Thiollent (2011), de modo que, junto com uma professora de um primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal em Imperatriz/MA, desenvolvemos algumas situações de aprendizagem nas quais o vídeo, estando presente, se mostrou potente, tanto como possibilidade de autoria, dando oportunidade para que às crianças pudessem se tornar autoras de vídeos quanto instrumento de sensibilização na abordagem de temas relevantes para a formação da cidadania; e ainda como demonstração, usado para que as crianças observassem e aprendessem os passos de uma coreografia que ensaiavam. Além das potencialidades, também foram observadas algumas limitações principalmente relativas à estrutura física como a falta de fones de ouvidos, que provocava ruídos no ambiente, e a quantidade insuficiente de computadores para a realização de trabalhos individuais e/ou em pequenos grupos.

**Palavras-chave:** Vídeo. Tecnologias Digitais. Situações de Aprendizagem.

## 1. Introdução

Em razão do avanço tecnológico faz-se necessário refletir sobre o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) como recursos pedagógicos nos processos de ensino e de aprendizagem. Nesse contexto, Almeida e Valente (2011) defendem que o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação deve propiciar o desenvolvimento da

---

<sup>1</sup> Mestra em Ensino (UNIVATES), Pedagoga da Rede Pública Municipal em Imperatriz/MA

<sup>2</sup> Doutora em Informática na Educação (UFRGS), professora do PPGEnsino da UNIVATES - Lajeado/RS

<sup>3</sup> Doutora em Educação (UFRGS), Professora do PPGEnsino da UNIVATES - Lajeado/RS

autonomia do discente na geração de informações significativas para compreender o mundo e desenvolver o pensamento crítico na busca pela emancipação social e democrática.

O desenvolvimento e os avanços das Tecnologias Digitais, sem dúvida, fazem parte das mudanças ocorridas entre os tempos modernos e a contemporaneidade. Nesse contexto, surge a necessidade de refletir como a escola de hoje tem lidado com as referidas tecnologias. Já existem muitos estudos que tratam do uso das TDICs na educação, como os de Cox (2003), Demo (2009), Pais (2008), Moran (2015). Entretanto, não se pretende, neste momento, apontá-las como redentoras dos problemas educacionais, tampouco defender a ideia de que, sem elas, é impossível fazer educação.

Nesse sentido é que objetivo desta pesquisa foi acompanhar e analisar o desenvolvimento de situações de aprendizagem, mediadas por Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, desenvolvidas por uma professora do Ciclo de Alfabetização percebendo quais as implicações do uso destas tecnologias em sala de aula. Durante a pesquisa, foi possível perceber que o uso das TDICs nas situações de aprendizagem é defensável não no sentido do uso da técnica pela técnica ou pela transmissão massiva de conteúdo, mas como possibilidade de fazer uma educação baseada numa pedagogia em que os alunos sejam sujeitos autônomos e autores no processo de aprender.

## **2. Embasamento teórico**

O vídeo é um recurso que une a imagem e o som em movimento, constituindo-se uma ferramenta interessante para o uso pedagógico. Segundo Moran (2015, p. 54), “vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens estas que interagem superpostas, interligadas, não separadas”. Por muito tempo, o vídeo, para ser utilizado, era conectado a um aparelho de televisão, e a função das pessoas era a de telespectador, assim, cabia ao docente e alunos apenas escolhê-lo e relacioná-lo aos conteúdos estudados. Todavia, com o advento de *softwares* e diversos recursos computacionais, trabalhar com vídeo em sala de aula, hoje, pode ser uma atividade de autoria, possibilitando que estudantes e professores criem seus próprios vídeos e, tendo acesso à *internet*, compartilhar com outros usuários da rede. Segundo Demo (2009, p. 53), “existe já a expressão “geração *YouTube*” para designar o grupo de usuários de *internet* que se utilizam hoje de compartilhamento de vídeo”.

Acredita-se que as experiências, de produzir, compartilhar vídeos e ver vídeos compartilhados possam enriquecer muito as experiências de ensinar e aprender, pois os sujeitos envolvidos terão que saber organizar os conteúdos, selecionar e escrever textos e

relacioná-los à imagens e sons que se quer inserir no vídeo. Todavia, não é pela possibilidade da capacidade criadora de vídeos que se deixam de lado as possibilidades de ver vídeos e filmes já prontos, pois os mesmos continuam sendo úteis para demonstração de simulação, para estudos de aspectos históricos ou geográficos, ou mesmo como sensibilização a um tema em estudo. Enfim o uso pedagógico do vídeo está sempre articulado aos objetivos que se deseja alcançar e à utilização que professores e alunos farão dele.

O uso do vídeo no ambiente escolar é ainda defensável por possibilitar a inclusão digital. Nesse contexto, Cox (2003) afirma que a adoção dos recursos da informática no ambiente escolar é estimuladora, pois fornece cores, apresenta gráficos, transmite sons, provoca animações. Além disso, transmite imagens às atividades que se desenvolvem e se modificam sob o controle dos educandos, que despertam do sono da passividade, uma vez que encontram espaço para aplicar sua energia e curiosidade, bem como transformam a escola num local prazeroso e divertido de estar e fazer.

Ressaltamos, ainda, que nesta pesquisa ao falarmos de situações de aprendizagem, estaremos nos referindo às ações desenvolvidas por alunos e professores, que levam em consideração as relações, o cotidiano e o interesse de todos os sujeitos sociais envolvidos nas ações. Prado (2012) enfatiza que o ato de ensinar necessita da intencionalidade pedagógica do professor comprometida com o aprendizado do aluno e aquele tenha a compreensão de que o conhecimento não é dado, mas construído num processo de interação dos sujeitos entre si e com o meio. Por sua vez, o ensino não se dará pela transmissão de informações, mas pela criação de situações de aprendizagem que, emergindo do cotidiano, sejam significativas para alunos e docentes.

### **3. Metodologia do Trabalho**

Para o desenvolvimento da pesquisa escolhemos a abordagem qualitativa, pois ela nos permite compreender a realidade socialmente construída, valorizando as experiências e as interações sociais. Como preceitua Moreira (2011), o interesse principal da pesquisa qualitativa está na interpretação dos significados que são dados pelos sujeitos às suas ações considerando a realidade que é socialmente construída, além de valorizar os aspectos subjetivos do comportamento humano, e das interações sociais e experiências vivenciadas no cotidiano e os significados atribuídos.

Dentre os vários tipos de pesquisas qualitativas, buscamos uma aproximação com a pesquisa-ação proposta por Barbier (2007) que sugere que se faça uma justa apreciação da complexidade do real e a apreensão desta complexidade, pois acredita-se que esta aproximação permite aceitar a incerteza, o imprevisível, o não saber e a contradição. Thiollent

(2011) destaca que a pesquisa-ação não pode ser limitada aos aspectos práticos da simples ação pela ação, mas necessita da mediação teórico-conceitual, em todas as fases da pesquisa.

Para tanto, escolhemos uma professora que atuava no primeiro ano do Ensino Fundamental pelo fato de ela ter demonstrado interesse em trabalhar com a mediação das Tecnologias Digitais e que, ao saber da possibilidade de participar da pesquisa, sua decisão foi imediata. A referida professora será chamada, nesta pesquisa, de Débora, pseudônimo sugerido pela mesma. Do mesmo modo as vinte crianças participantes também escolherem pseudônimos pelos quais serão aqui nomeadas.

#### **4. Alguns resultados: Vídeo, algumas possibilidades pedagógicas**

Ao iniciar a pesquisa conversamos com a professora Débora, sobre as possíveis possibilidades de incluir as TDICs nas situações de aprendizagem por ela mediadas. Assim, umas das possibilidades foi o uso do vídeo, que foi utilizado em diferentes situações, dentre estas, a gravação e edição de um “vídeo tutorial” para exibição numa Feira de Ciências da qual a turma participaria com o projeto “Fazendo cola eu decolo na imaginação”, demonstrando como fazer uma cola caseira de leite.

Nesse seguimento, inicialmente, foi exibido um vídeo tutorial, baixado da *internet*, explicando como fazer a cola de leite. Ato contínuo, a professora convidou as crianças para gravarem um tutorial semelhante. Fazer esta gravação não foi um ato tão simples, pois as crianças estavam eufóricas e entusiasmadas para participar, de modo que enquanto se faziam as gravações foi difícil conseguir que fizessem silêncio, para que o vídeo não ficasse com ruídos comprometendo o entendimento das orientações que eram dadas no tutorial. Na terceira tentativa, conseguimos realizar uma gravação com poucos ruídos sendo possível entender a apresentação.

A professora Débora auxiliou as crianças na organização do cenário (mesa, objetos e ingredientes necessários) e ficou próxima da aluna que apresentaria o vídeo, orientando-a. Coube a primeira autora deste artigo atendendo à solicitação de Débora, assessorar os dois alunos que fariam os registros – um, com uma câmera fotográfica digital; outro, com um aparelho de celular.

De fato, as crianças estavam animadas com a possibilidade de participarem de uma aula diferente. Apesar de ter sido um pouco difícil conseguir o silêncio necessário para que a gravação ficasse sem muitos ruídos, aos poucos, elas foram se acalmando e colaborando para que o vídeo pudesse ser gravado.

Passados alguns dias, deu-se continuidade à situação de aprendizagem iniciada com a observação e gravação do vídeo. As crianças estavam entusiasmadas com a oportunidade de

irem ao laboratório de informática. Quando chegamos à escola, as crianças já estavam na sala de aula participando do momento da acolhida com a professora. Em seguida, dirigimo-nos ao laboratório de informática a fim de organizar o espaço e deixá-lo pronto para receber a turma e fazermos a edição do vídeo que havia sido gravado. Na ocasião, apenas quatro computadores funcionavam.

O programa utilizado para editar o vídeo foi o *MovieMaker*. É importante ressaltar que chamamos de edição a inserção de um título de abertura do vídeo; de fotos de *Making of*, os momentos em que era usada a cola em sala de aula. No final do vídeo, agregamos um fundo musical, além da colocação dos créditos contendo o nome de cada componente dos grupos.

Cumpramos esclarecer que a formação de grupos ocorreu em razão da pequena quantidade de computadores que funcionavam. Ao organizá-los, a professora procurou colocar em cada um deles alunos que já estavam se alfabetizando junto com os de níveis anteriores. Ademais, ela os ouviu para que indicassem seus interesses de agrupamentos. Em média, cada equipe foi constituída de cinco crianças, que se revezavam nos desafios propostos – uma colocou o título, outra adicionou a música, algumas modificaram o tamanho das fontes, cores do fundo, e todas escreveram seu nome nos créditos.

É importante relatar que, para que as crianças conseguissem realizar todos os desafios propostos para a edição do vídeo, nós, com o auxílio de um projetor de multimídia (*datashow*), demonstrávamos o passo a passo. Além disso, quando as crianças tinham alguma dúvida, nos solicitavam apoio e orientávamos os grupos a desenvolverem as ações.

Enquanto as crianças editavam o vídeo, observamos que algumas tinham dificuldades de localizar as letras no teclado, usar o *mouse*, bem como encontrar, na barra de ferramentas, os recursos necessários para a edição. Para grande parte da turma, aquela parecia ser a primeira experiência com o uso de um computador. Para Demo (2009), a ausência de habilidade no manuseio das tecnologias se deve à falta de acesso a essas ferramentas que muitos ainda têm.

Entretanto, as dificuldades, ao invés de distanciar, aproximaram mais as crianças, haja vista terem sido desafiadas a realizarem um trabalho coletivo, durante o qual percebemos que, auxiliando-se, demonstravam mútua cooperação. Para Moran (2015, p. 108), “A necessidade de entreatajuda e a maneira colaborativa podem desenvolver autonomia, espírito crítico e atitude de trabalho coletivo”, fato perceptível durante o trabalho em equipe realizado pela turma.

A reação das crianças, ao verem seus nomes aparecendo no vídeo, chamaram-nos atenção, pois suas expressões denotavam alegria e satisfação. As transcrições abaixo comprovam tal fato:

- Que legal, olha o meu nome! (Emanuela).
- Eu sou chick! Meu nome está no vídeo (Gabriel).

Além disso, a importância do trabalho de autoria e o sentimento de pertença ficaram evidenciados nas declarações de algumas crianças:

- Gostei de ser apresentadora! (Manuela).
- Fui eu quem filmei, eu que fiz o vídeo! (Elane).
- Você não, todo mundo fez junto (Vivi).

Sobre o sentimento de pertença observado no comportamento das crianças, a professora Débora fez a seguinte observação: *o que eu achei positivo foi a questão da autonomia da criança, dela querer participar, da autoria. A criança se sentiu importante naquele momento e todos se sentiam, naquele momento, o mais importante da aula.*

Percebe-se, nas enunciações supracitadas, que tanto para as crianças como para a professora, houve um reconhecimento da importância do trabalho autoral. Sobre isso, Silva (2011, p. 82-83) afirma que é preciso “disponibilizar ao aprendiz a autoria em meio aos conteúdos de aprendizagem [...], o professor cria possibilidades de envolvimento, [...] e estimula a intervenção dos aprendizes como coautores da aprendizagem”. Sobre a filmagem e produção de um vídeo autoral, Moran (2015) afirma que cumpre à escola saber aproveitar o potencial que o vídeo tem para que os alunos se transformem em autores, narradores e contadores de histórias.

Ressalta-se, também, que a referida situação de aprendizagem se desenvolveu mesmo sem as condições ideais, uma vez que houve algumas limitações. A quantidade de computadores (apenas quatro funcionando) e a falta de fones de ouvido para reduzir os ruídos, foram alguns dos aspectos que dificultaram a realização do trabalho. Sobre isso, a professora Débora declarou que “alguns entraves ocorreram [...], mas tudo foi ajustado [...] as limitações para o uso das tecnologias é a parte física, a vontade eu tenho, eu gosto muito”.

Em seu depoimento, Débora ressalta a importância do querer fazer – também apontado como fundamental pelas professoras participantes da pesquisa de Boas (2014). Em seu estudo, elas afirmaram que a motivação, a abertura, a vontade, o interesse em aprender e o desejo de utilizar as tecnologias são fatores fundamentais e imprescindíveis para uma boa relação com o as TDICs.

Desse modo, fica evidente que, para encarar os problemas e propor alternativas para superá-los, é necessária disposição e interesse. Sobre o desejo de superar os desafios, Pais (2008, p. 43) afirma que “A inserção do uso do computador na educação escolar, além de trazer benefícios específicos, traz também dificuldades a serem superadas”.

Outro momento de aprendizagem em que o vídeo esteve presente foi durante a

realização do projeto “Cineminha na escola<sup>4</sup>”. Na ocasião, definiu-se que as sessões de cinema ocorreriam três vezes entre os meses de outubro e dezembro.

Para um dos dias de sessão, a professora havia planejado uma situação de aprendizagem que envolvia a produção de histórias em quadrinhos. Todavia, o interesse das crianças era participar da sessão de cinema, o que as deixou fortemente agitadas, impedindo que se focassem no que inicialmente havia sido proposto. Ademais, emitiram questionamentos, tais como:

- Tia, que horas vai ser o cinema? (Sofia).

A professora respondeu que seria após aquela aula.

- Tia, qual é o filme que vamos assistir hoje? Eu quero ficar bem na frente (França);

- Eu também vou ficar na frente (Alvin).

Inicialmente, Débora resistiu à mudança de planejamento, mas acabou cedendo em prol dos interesses das crianças. Ao decidir pela flexibilização, cobrou-lhes a conclusão da escrita para outro momento. Prontamente, todas se comprometeram a realizá-la, demonstrando alegria por terem seu pedido aceito.

Desse modo, a professora redirecionou a Situação de Aprendizagem e conduziu as crianças à sala de vídeo para assistir a um filme, que a princípio seria “A fuga das galinhas”. Mas como o idioma era o inglês e não foi possível realizar a versão para o português, exibiu-se “Madagascar III”, que estava planejado para a sessão seguinte.

No início da sessão, as crianças estavam eufóricas, conversavam e riam muito, causando algazarra e agitação. No entanto, passados alguns minutos, mais concentradas, acompanharam o filme com a devida atenção. Focadas nas cenas, emitiam risos e expressões de sussurros. O fato é que a sensibilidade da professora ao flexibilizar o planejamento foi muito importante, pois contribuiu fortemente para a realização da situação de aprendizagem.

Quando a gente trabalha com crianças, independente da faixa etária, temos que perceber o interesse delas. Tem atividade que você imagina que vai durar meia hora e, em dez minutos, você não consegue mais prosseguir por conta do interesse da criança. Foi o que aconteceu, [...] não conseguimos concluir, algumas crianças já demonstravam desinteresse [...] não teve como prosseguir. É uma questão de adaptação que fazemos no plano sempre que necessário. O plano é flexível por conta disso, temos que levar em conta o interesse da criança (DÉBORA).

A postura de Débora nos remete a Vasconcellos (2004), pois, segundo ele, o plano não deve ser visto como uma exigência burocrática ou uma camisa de força. Para que ele seja verdadeiro, é necessário que seja crítico e comprometido com a transformação da prática refletindo, dessa forma, sobre os desafios da realidade.

---

<sup>4</sup> Projeto da escola que abrangia as crianças do II período da Educação Infantil e do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental.

Outra situação de aprendizagem na qual o vídeo esteve presente envolveu um trabalho cujo tema versava a diversidade racial no Brasil, na Semana Nacional da Consciência Negra, em novembro. O início da abordagem se deu numa roda de conversa onde as crianças comentaram as suas características físicas, bem como as de seus familiares e amigos. Finda a roda de conversa, foi exibido um vídeo que narrava a história do livro “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém. A personagem Lelê era uma criança que ficava insatisfeita e incomodada sempre que se via diante do espelho. Por não aceitar seus cabelos crespos, esticava-os e se questionava de onde surgiam tantos cachinhos. Certo dia, ela encontrou um livro que respondia a suas perguntas e que mostrava os diversos tipos de cabelos dos povos do Continente Africano, bem como os diferentes penteados e belos enfeites. Diante disso, a menina ficou encantada, e os ensinamentos que a leitura lhe proporcionou, levou-a, daquele dia em diante, a sair com seus cabelos ao vento, brincando e exalando a sua felicidade. Além do mais, compreendeu que eles eram sua marca, sua história e, acima de tudo, passou a ver a beleza que existia no seu cabelo negro e cheio de cachinhos (BELÉM, 2007).

Após a exibição do vídeo, assistido atentamente pela turma, houve mais uma roda de conversa, em que as crianças comentaram a história de Lelê. Tanto as discussões sobre a obra como a exibição do vídeo contribuíram para o surgimento de uma reflexão sobre as raízes de cada criança, seus descendentes e afirmação de suas identidades. O vídeo teve o objetivo de despertar a sensibilidade e de mediar o debate, pois, segundo Moran (2015, p. 47), “um bom vídeo é interessantíssimo para introduzir um assunto novo e despertar a curiosidade e a motivação para novos temas”.

A postura das crianças, suas expressões faciais, às vezes acompanhadas de risos eram o reflexo do interesse que o filme lhes despertava. Além disso, algumas balbuciavam os textos que apareciam no vídeo, relacionando-os com os questionamentos da Lelê. Ao acabarem de assistir ao filme, algumas crianças solicitaram a exibição de outros, numa demonstração de que desejavam repetir a experiência. Essa atitude demonstrou que o vídeo é uma ferramenta que atrai o interesse da criança mesmo quando não se trata de autoria.

O vídeo se fez presente, ainda na preparação para a festa de formatura<sup>5</sup> que seria no final do ano, no planejamento constava que as crianças apresentariam uma coreografia da música “O caderno”, de Toquinho. Para facilitar a memorização da letra e também de alguns passos da coreografia, a docente resolveu utilizar o vídeo.

Assim, no laboratório de informática, a professora orientou as crianças a realizarem

---

<sup>5</sup> A escola justifica que reconhecia que, com a inserção da criança de seis anos de idade no Ensino Fundamental, a alfabetização (agora primeiro ano) não é uma etapa final de nível como era antes, mas o começo de um novo (o Ensino Fundamental). Porém, havia uma tradição de se fazer a festa por ser a série na qual as crianças se alfabetizam, e as famílias cobravam a sua realização.



uma busca na *internet* de algum vídeo/clip da música, bem como da letra. O objetivo era que a turma a ouvisse e a lesse para conhecê-la e, posteriormente, memorizá-la. Findas a procura e a exploração do vídeo pelas crianças, que trabalhavam em grupo utilizando cinco computadores, Débora fez uma leitura coletiva e pausada com o auxílio do *datashow* visando à compreensão e ao significado das palavras novas e a mensagem transmitida pelo texto. Foi uma situação dinâmica que contou com a participação de todos.

Após a exploração da leitura da letra da música, a professora exibiu um vídeo de uma coreografia feita por um grupo de crianças com a referida música. No final da apresentação, estabeleceu-se um diálogo entre três crianças que nos chamou a atenção:

- Agora eu entendi como vai ser (Alvin).
- Eu também! (Gabriel).
- Vai ficar bonita a nossa festa! (Nete).

Constata-se, no fragmento acima, que o uso do vídeo foi relevante para a compreensão das crianças e o alcance dos objetivos propostos pela professora, pois deixou de ser algo abstrato. Segundo Moran (2015), o vídeo transmite de forma integrada várias linguagens: a sensorial, visual, musical, a oralidade e a escrita.

Enfim, podemos dizer que o uso pedagógico do vídeo está sempre articulado aos objetivos que se deseja alcançar e à utilização que professores e alunos farão dele. Sobre essa situação de aprendizagem, a professora Débora fez a seguinte declaração:

Pesquisamos a letra da música na *internet*, eles leram a música e, em seguida, cantamos, assistimos a um vídeo da música e fomos aprendendo, assistindo no *datashow* [...]. Gostei! O objetivo do trabalho com a música foi realmente satisfatório.

Percebemos que foi prazeroso para as crianças pesquisarem a letra da música e um *clip* na *internet*, bem como fazerem a leitura coletiva e ensaiarem os primeiros passos. Todavia, a falta de fones de ouvido foi um fator limitador, pois, enquanto pesquisavam os *clips*, ouviam-se barulhos de diferentes sons, o que causou certa confusão. Mas isso não impediu o desenvolvimento das ações planejadas.

### **Considerações finais**

Nesta pesquisa apresentamos achados não conclusivos, pois o texto reflete uma experiência vivida com a riqueza de algumas situações de aprendizagem apontando seus limites e possibilidades. As análises aqui feitas estão limitadas à visão das pesquisadoras e seus estudos (inacabados, dada a natureza humana) e aos contextos social e histórico do local e do tempo em que ocorreu a investigação. Apesar dessas limitações, são reflexões que nos permitiram pensar a prática pedagógica, o aprender e o ensinar mediados pelo o vídeo que se

mostrou uma ferramenta pedagógica potente em diversas situações de aprendizagem e com diferentes possibilidades (autoria de vídeo, vídeo como instrumento de sensibilização e demonstração).

Durante a pesquisa, nos deparamos diante de alguns limites, como a falta de equipamentos, o que impediu o trabalho individual ou em grupos menores; a ausência de fones de ouvidos, que provocava ruídos sempre que se ouviam sons. Por vezes, pensamos não ser possível superá-los, mas foram contornados pelo empenho das equipes e, principalmente, pela coragem e determinação da professora Débora.

Desse modo, podemos afirmar que o uso do vídeo foi importante e potencializou as situações de aprendizagem aqui relatadas. O vídeo se mostrou potente, como possibilidade de autoria, ao oportunizar às crianças produzi-lo, como ocorreu por ocasião da gravação do tutorial para a Feira de Ciências; como instrumento de sensibilização, ao abordar temas de relevância social e formação para a cidadania, quando, por exemplo, foi abordado a temática racial e ainda como demonstração, quando usado para observar a coreografia e aprender os passos da dança que seria coreografada por ocasião da festa de formatura da turma.

Enfim, podemos dizer aos professores que atuam no Ciclo da Alfabetização que foi desafiador a realização dessas situações de aprendizagem, pois, trabalhar com a mediação das TDICs no Ciclo de Alfabetização, e precisamente com o vídeo, foi prazeroso e desafiador. Aprendemos que só é possível realizar uma tarefa com significado para as crianças e para o professor quando se está aberto às percepções do cotidiano e, a partir disso, consegue-se pensar situações de aprendizagem com sentido para o que se ensina, para quem ensina e, principalmente, para quem se ensina.

## **Referências**

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. **Tecnologias e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?** São Paulo: Paulus, 2011.

BARBIER, R.A. **Pesquisa Ação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

BELÉM, V. **O cabelo de Lelê**. Ilustr. de Adriana Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

BOAS, V. A. P. V. **A Professora e o Uso do Computador na Alfabetização**. Dissertação de Mestrado. Curso de Mestrado Profissional em Educação. Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2014. 197 f.

COX, K. K. **Informática na Educação Escolar: Polêmicas de Nosso Tempo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

DEMO, P. **Educação Hoje: novas tecnologias, pressões e oportunidades**. São Paulo: Atlas,

2009.

HEILBORN, M. L.; ARAÚJO, L.; BARRETO, A. (Org.). **Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça**: Módulo III. Brasília: Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres, 2010.

MORAN, J. M.. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2015. p. 11-72.

PAIS, L. C. **Educação Escolar e as Tecnologias da Informática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PRADO, M. E. B. B. **O papel do Professor na Criação de Situações de Aprendizagem**.

[S.l.], 2012. Disponível em:

<<http://www.ich.pucminas.br/pged/interact/viewfile.php/1/file/54/34/PDF.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2016.

SILVA, Marco. Os professores e o desafio comunicacional da cibercultura. In: FREIRE, Wendel (Org.). **Tecnologia e Educação**: As mídias na prática docente. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p. 79-105.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento**: Projeto de Ensino-aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. São Paulo: Libertad, 2004.

**Recebido em Outubro 2017**

**Aprovado em Novembro 2017**